



ENSAIO VISUAL
**CANDIDO PORTINARI,
PARADIGMA AOS
120 ANOS DE NASCIMENTO.**

CURADORIA
JACOB KLINTOWITZ
ABCA / SÃO PAULO

Roda Infantil, 1932,
óleo sobre tela,
40 x 47 cm

Fragmentos memorialísticos da beleza pressentida. É surpreendente que o artista que fez tantos murais extraordinários, obras que exigiram estudos, planejamento, vagar, auxiliares, ateliês espaçosos, tenha tamanho carinho pelo universo cotidiano que o cerca ou o viu crescer. Animais, paisagens, parentes, objetos domésticos, meninos da sua infância, espantalhos, enterros, brincadeiras infantis. E sempre, em cada um desses encontros ou recordações, Portinari parece perceber o ser oculto na superfície vulgar, alguma coisa que o dignifica e o torna único. Não a aparência, mas a alma que se esconde aquém ou além da banalidade superficial. Essa descrição é a da arte e não a de um pretense realismo, do entendimento convencional. Fragmentos memorialísticos da beleza pressentida.

Candido Portinari é um paradigma. Ele nos traz o sonho do que o nosso país pode vir a ser. É um artista mergulhado na nossa humanidade, no ser brasileiro e, ao mesmo tempo, é um monumento psíquico, um marco da nossa consciência, um ser que

se doou, um escravo do talento, um milagreiro que construiu uma linguagem que parece impossível de ser criada por um ser fisicamente frágil, morto precocemente. Ele nos diz, a sua obra nos ensina, que tudo é possível, desde que você tenha um norte e abdique da frivolidade. Ao se doar, ao se pôr à disposição do talento, Portinari não se esvazia, mas se torna um filho da aventura, um homem e seu percurso e o seu diálogo com a história.

“...Foi em você que conseguimos a nossa expressão mais universal, e não apenas pela ressonância, mas pela natureza mesma de seu gênio criador, que ainda que permanecesse ignorado ou negado, nos salvaria para o futuro...”

CARTA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA PORTINARI EM 1946.

Eu o considero o marco afirmativo do nosso modernismo, um dos maiores artistas brasileiros de todas as épocas, símbolo artístico nacional, autor de uma obra monumental, com poucas equivalências mundiais e, em nosso país, o autor de uma odisseia sobre a nossa vida e a nossa gente. Além disto, a qualidade estética de Portinari, a grandeza de seus temas, a ousadia de interpretação e a coragem de escolha de assuntos, com dificuldades infinitas, o caracterizam como um dos grandes artistas do século vinte. Portinari é o narrador de mitos, o nosso Homero. E na sua obra encontramos a imobilidade da tragédia, o tempo paradigmático do símbolo e a ausência da agitação do simples drama. Portinari é a tessitura que organiza e forma a base da arte brasileira, a marca da nossa maturidade, o ponto alfa, do qual podemos contemplar o nosso panorama.

Candido Portinari

No círculo de luz

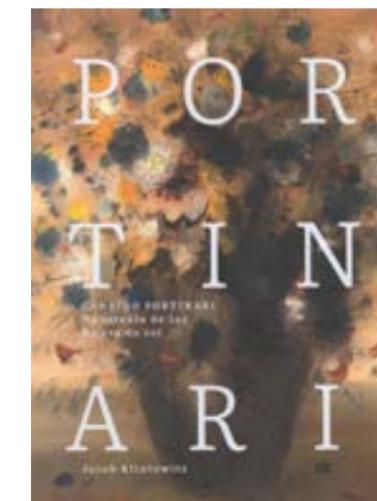
Na asa do sol

Este é o título do meu livro que, com pequena modificação, foi retirado do poema que Portinari datou em 1.11.1961, pouco antes de sua morte, dois meses depois, em 6.2.1962. Este poema é extraordinário, talvez o melhor que Portinari escreveu e, isto em minha opinião é certo, o mais revelador. Portinari narra a sua frustração em não ter conseguido ver o “Cristo”, de Grünewald, em Colma, França. O museu estava fechando e ele contemplou o Cristo por uma porta entreaberta. Conta de seu amor ao artista, descreve que estava morrendo e seria, portanto, uma despedida. E ao contar da sua contemplação, do seu diálogo com o artista e a obra entrevista, ele descreve a sua própria percepção, o seu indomável espírito diante das dificuldades. Ao se despedir da obra-símbolo, ele, na verdade, revela o seu modo de apreensão do mundo. Ele nos diz, sem ter essa pretensão explícita, como

o artista Portinari se relaciona com o mundo; o ser e a luz do mundo. E ele nos diz que de um buraco de luz observa a obra magna do artista e como a vê, numa asa do sol, como a percebe luminosa. Este título é um retrato do Portinari secreto.

Candido Portinari nasceu em 29 de dezembro de 1903. Faz 120 anos e nos parece uma data especial. E este artigo é motivado por este momento. Quando contemplamos o percurso de sua obra, pois agora é disto que se trata, nos admiramos de como ela foi aceita, negada, reconhecida e de como, cada vez, a sua importância estética, histórica, cresce e se nos oferece como exemplar de uma época e de seu futuro.

Este artigo é uma oportunidade de novamente pensar em Candido Portinari, na grandeza da arte e na sua capacidade de nos tornar mais humanos, de conformar o nosso psiquismo. E refletir no mistério da cultura e de sua capacidade de nos confrontar com o prazer da forma, nos impregnar da sublimidade do conceito, nos elevar e alargar a nossa imaginação.



Para download do livro:

Candido Portinari:

No círculo de luz.

Na asa do sol

Edição Galeria Frente

Acesse

<https://www.galeriafrente.com.br/exposicao?e=8>



Menino, 1958,
Óleo sobre tela, 100 x 80 cm



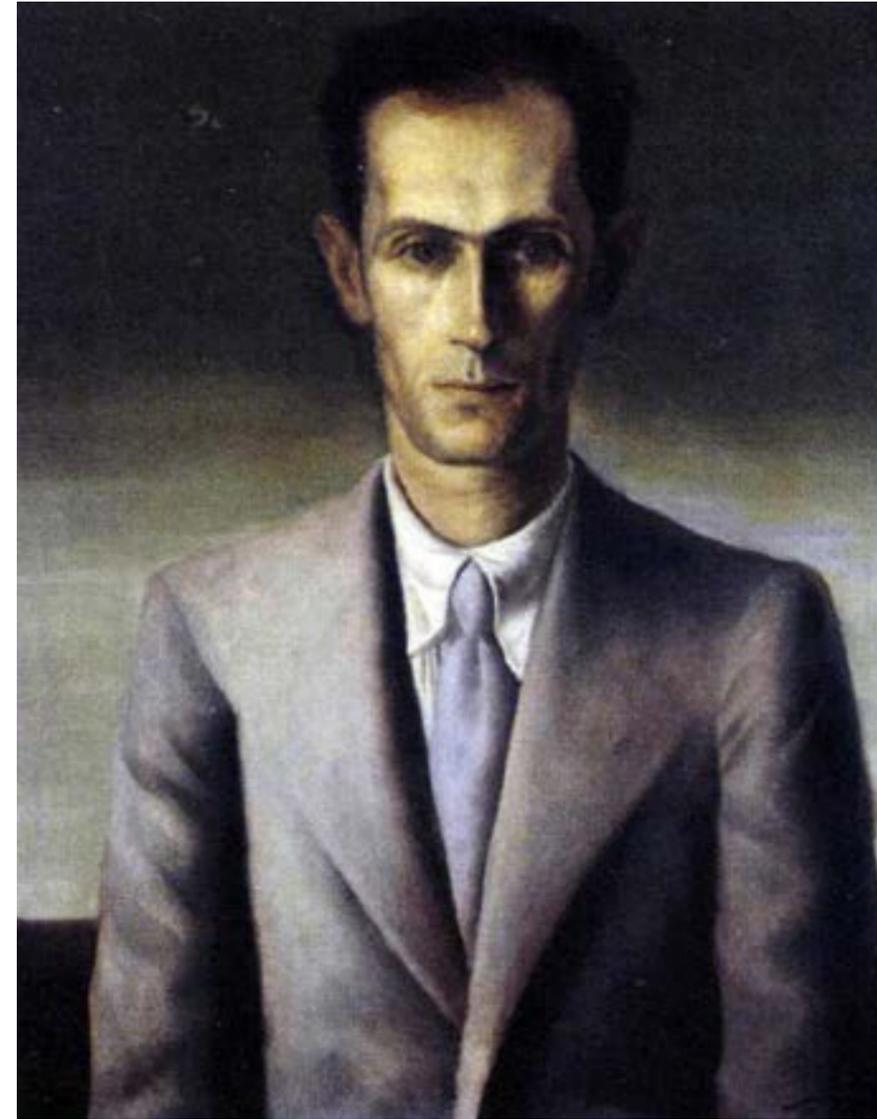
Balço, 1959,
Óleo sobre tela, 168 x 101 cm.
Arquivo Projeto Portinari



Meninos brincando no balanço,
1960, óleo sobre madeira,
46 x 37 cm.
Arquivo Projeto Portinari



Auto retrato, 1956,
Arquivo Projeto Portinari

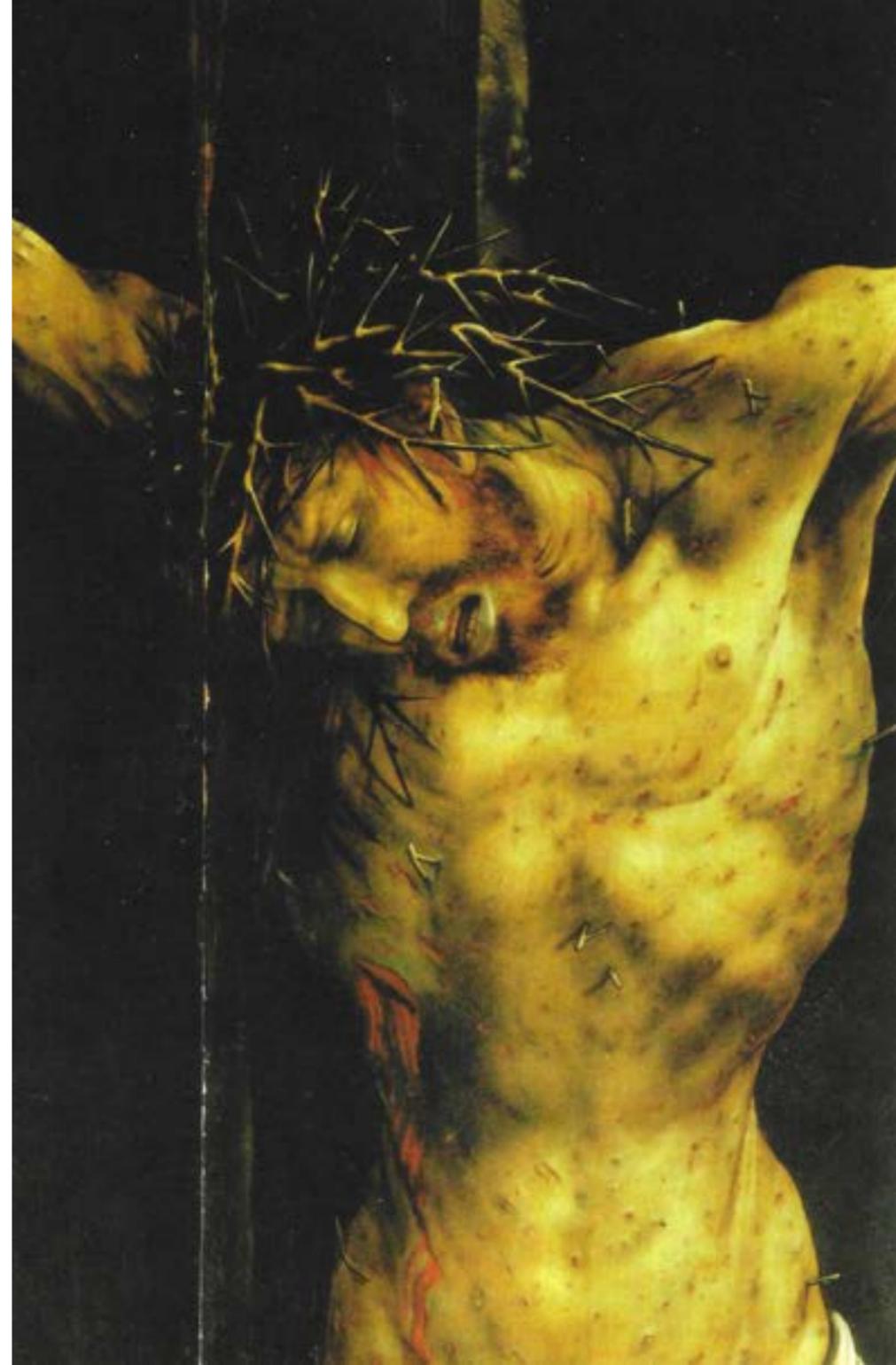


Retrato de Carlos Drummond de Andrade,
1936, óleo sobre tela, 72 x 58 cm.
Arquivo Projeto Portinari



Museu Casa de Portinari,
Foto: Gian Claudio Biancuzzi

Matthias Grünewald,
detalhe do "Retábulo de Issenheim",
A crucificação, c.1512-1516,
têmpera e óleo sobre madeira
269 x 307 cm. Coleção Museu de
Unterlinden de Colmar, França



Espantalho, 1956,
crayon sobre papel, 23 x 19 cm.
Arquivo Projeto Portinari

Candido Portinari e seu filho
João Candido Portinari.
Arquivo Projeto Portinari



Portinari com seus pais,
diante da obra
“Fuga para o Egito”, 1953.
Arquivo Projeto Portinari



Colheita de café, 1958, óleo sobre madeira, 60 x 73 cm



Cangaceiro, 1959, óleo sobre madeira, 27 x 22,5 cm



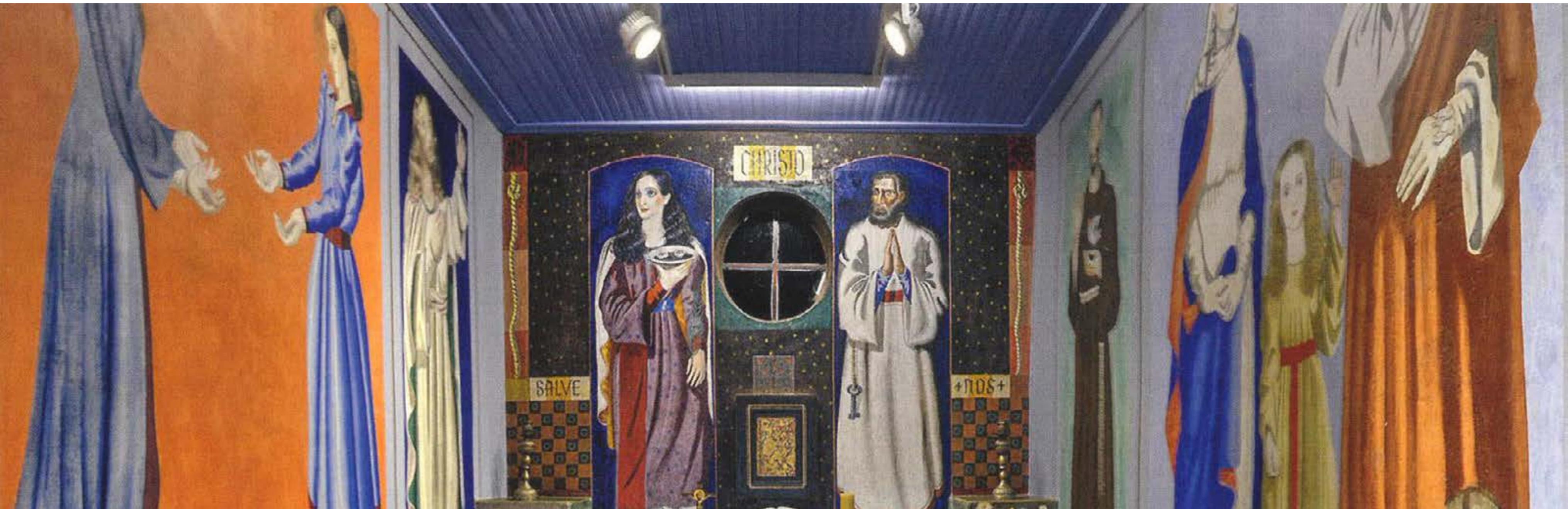
Colheita de mel de abelha indígena, 1958, óleo sobre madeira, 60 x 73 cm



Menino com passarinho e arapuca, 1959, óleo sobre compensado, 167 x 68 cm.
Arquivo Projeto Portinari



Menino de Brodowski, 1946, óleo e pastel sobre papel, 96 x 56 cm.
Arquivo Projeto Portinari



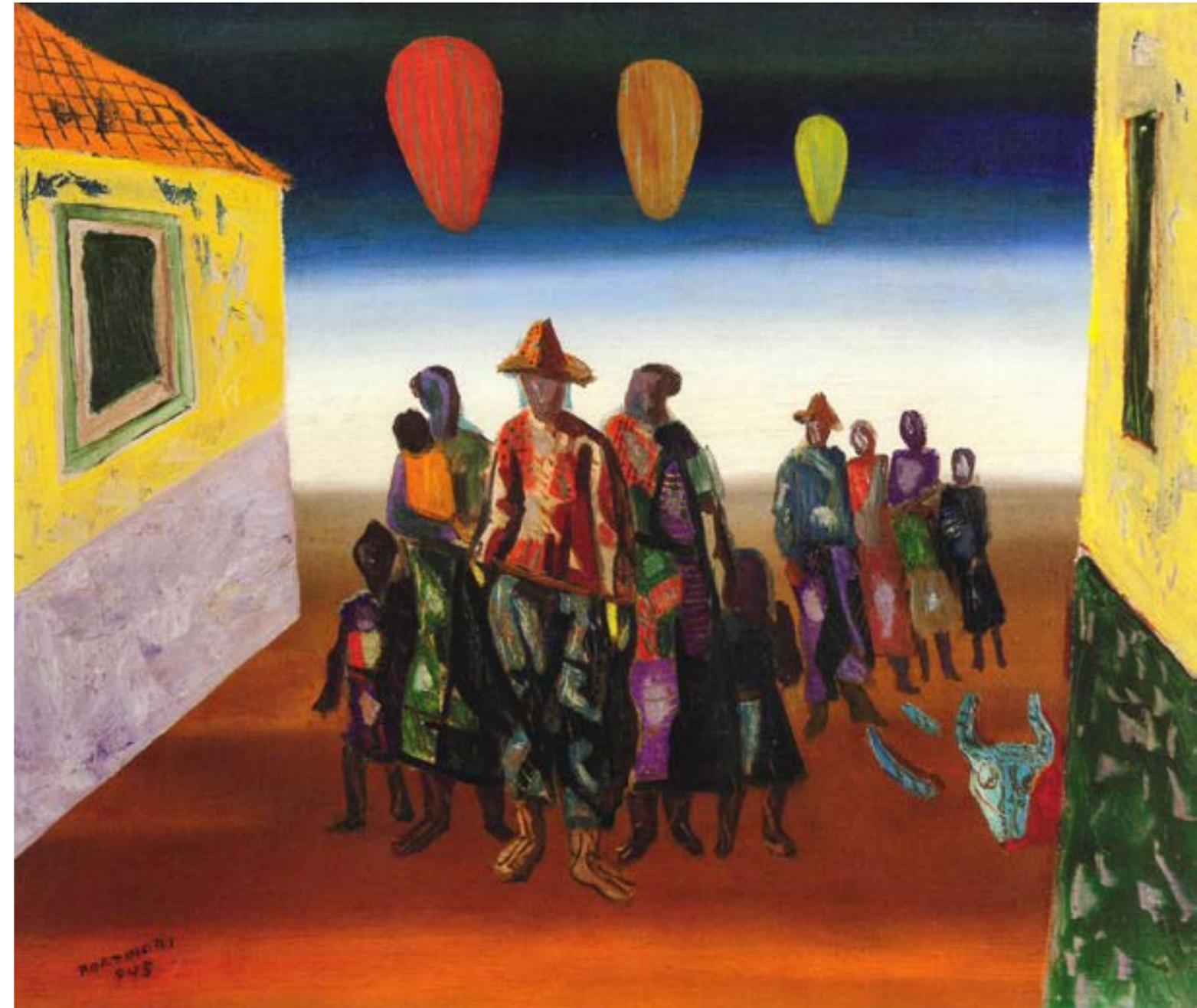
Capela da Nonna, Museu Casa de Portinari, Brodowisk, SP. Foto: Rubens Guerra



Guerra, 1952, óleo sobre madeira, 1400 x 1058 cm. Obra executada para a sede da Organização das Nações Unidas / ONU, Nova York, EUA. Arquivo Projeto Portinari



Paz, 1952, óleo sobre madeira, 1400 x 953 cm. Obra executada para a sede da Organização das Nações Unidas / ONU, Nova York, EUA. Arquivo Projeto Portinari



Retirantes, 1945, Reprodução: Raisonné do artista, vol 3, pág 93

Mulata de vestido branco, 1936,
óleo sobre tela, 73 x 60 cm



JACOB KLINTOWITZ

Jacob Klintowitz (1941) é escritor, crítico de arte, editor de arte, conferencista e jornalista. É autor de 192 livros sobre teoria de arte, arte brasileira, monografias de artistas, ficção e livros de artista. E escreveu mais de 3.000 artigos publicados especialmente nos jornais “Tribuna da Imprensa”, RJ, “Jornal da Tarde”, SP. Conselheiro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. Conselheiro do Museu Judaico de São Paulo. Ganhou duas vezes o “Prêmio Gonzaga Duque” da Associação Brasileira de Críticos de Arte, pela atuação crítica. E duas vezes foi homenageado pela ABCA por sua intensa ação cultural. Atuou como curador do Museu Brasileiro da Escultura.